



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**COMISSÃO COORDENADORA DO VESTIBULAR**

**PROCESSO SELETIVO UFES 2013**

**UFES**

As bancas elaboradoras esperam obter da maioria dos candidatos respostas como as que seguem. No entanto, para a correção das provas, outras respostas também poderão ser consideradas, desde que corretas.

## **LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

### **1ª QUESTÃO**

São muitas as respostas possíveis, considerando que o candidato poderá escolher duas personagens quaisquer, seja do mesmo romance, seja de romances diferentes. Importa que o candidato, conforme pede o enunciado, compare as personagens escolhidas, indicando (a) vínculos – de semelhança e/ou diferença – entre elas mesmas, e (b) indicando vínculos entre elas e o mundo, o contexto, o espaço, o ambiente que as cercam.

Em *As meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, as personagens principais são Lorena (Lorena Vaz Leme), Lia (Lia de Melo Schultz, ou Lião) e Ana Clara (Ana Clara Conceição, ou Ana Turva), amigas que moram num mesmo pensionato de freiras. Cada uma possui, naturalmente, a própria vida e os próprios dramas e conflitos, mas o romance, incessantemente, mistura as histórias delas. O próprio foco narrativo oscila com frequência: a cada momento, uma delas se transforma em narradora. O pano de fundo histórico é o período após o golpe militar de 1964 no Brasil. Lia representa a jovem militante, engajada em causas políticas, crítica em relação às questões sociais – não à toa, cursa Ciências Sociais. Ana Clara (ou Turva) seria a jovem desbundada, envolvida com drogas, meio perdida no mundo, sem rumo, mas querendo se encontrar – o fato de cursar Psicologia se relaciona com essa procura. Já Lorena é a jovem culta, mas desinteressada dos problemas políticos, oriunda de família abastada, mas decadente, sempre buscando o equilíbrio e o amparo da razão – daí, emblematicamente, cursar Direito.

Em *O matador* (1995), de Patrícia Melo, o protagonista da narrativa se chama Máiquel, tem 22 anos e mora na periferia de São Paulo. Por causa de uma aposta trivial (o resultado de um jogo de futebol), Máiquel pinta o cabelo de louro; e, por causa do cabelo, ele é caçoado por Suel, ladrão, a quem mata num “duelo”; e, por ter matado Suel, Máiquel passa a ser admirado por moradores e comerciantes da região. Começa, então, sua carreira de “matador” profissional. Outro personagem relevante do romance é dr. Carvalho, dentista, que passa a contratar Máiquel, em seu nome e de outros empresários, para matar desafetos. A narrativa tematiza, sim, a violência urbana e, mais, a banalidade da violência social, mas, ainda mais do que isso, propõe uma reflexão acerca das grandes desigualdades sociais e econômicas existentes em nosso país. Há, no romance, uma profusão de referências a mercadorias de consumo, que se tornam elementos do desejo de pessoas que, no entanto, pelas vias legais, não poderiam usufruir delas. Um cotejo entre Máiquel e dr. Carvalho explicita, de imediato, a diferença de classes. O próprio nome do protagonista aponta, paródica e ironicamente, para uma espécie de “alteridade rebaixada”, considerando que ele é uma corruptela de Michael.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**COMISSÃO COORDENADORA DO VESTIBULAR**  
**PROCESSO SELETIVO UFES 2013**

Em *Kitty aos 22: divertimento* (2006), de Reinaldo Santos Neves, Maria Catarina Leme (a Kitty do título) é a protagonista, secundada por uma galeria de personagens, como Phil, Mummy, Déia, Lu, Breno, Bruno Hodiak (o Mancha Negra), Sérgio, Bobby e Benjy, entre outros. A trama gira em torno da vida – durante uma semana – da bela jovem estudante de Jornalismo. Alguns dos elementos que chamam a atenção em *Kitty aos 22*: a releitura do mito da Cinderela (Kitty, para se defender de um estupro, mata Bruno Hodiak com uma sapatada); a utilização de uma “linguagem jovem”, oriunda de blogs, cheia de gírias e cultura pop; o tom de romance policial, confirmado pela indicação (no prefácio “Certas coisas que o autor acha que deve dizer”) de que Phil, o padrasto de Kitty, foi uma homenagem ao detetive Philip Marlowe, personagem de Raymond Chandler; a presença da moda, como uma espécie de metáfora do jogo social das aparências; a importância da aprendizagem do silêncio, em meio a tanto barulho e balada, de que, aos poucos, a protagonista vai tomando consciência. O espaço em que tudo acontece é a cidade de Vitória: nela, se desenredam dramas, mistérios, alegrias e dúvidas de toda uma geração – sobretudo de classe média – que sai da adolescência em direção à vida adulta. Uma comparação, a título de exemplo, poderia ser feita entre Kitty e Bruno, cuja malograda e trágica relação mostra a ingenuidade da crença, de herança romântica, na realização do mito de Cinderela, em que um príncipe virá salvar a jovem donzela e fazê-la “feliz para sempre”.

## **2ª QUESTÃO**

- (1) tirar a barriga da miséria = ter excelente condição de consumo
- (2) fritados = demitidos sumariamente
- (3) cozinhada em fogo brando = tratada com descaso
- (4) mantida em banho-maria = não ser colocada como prioridade
- (5) acaba em pizza = não é levado a sério
- (6) geleia global = mistura geral, miscelânea
- (7) sentiram na carne = sofreram necessidade, passaram necessidade
- (8) descascar um abacaxi = encarar uma situação difícil
- (9) resolver um pepino = dar solução a um problema
- (10) encarar uma batata quente = enfrentar uma dificuldade

## **3ª QUESTÃO**

A) TEXTO 1:

“Adão e Eva no Paraíso”, de Eça de Queiroz, mistura a criação segundo o ponto de vista bíblico (Gênesis) com a explicação biológica proposta por Darwin para a origem das espécies, de grande impacto na segunda metade do século XIX. O tempo e o espaço do conto não são, porém, os da narrativa bíblica propriamente, mas um cenário natural, por vezes de pré-história, que não é o do Gênesis, mesmo que seja chamado de Paraíso. O que perdura do relato sagrado do Velho Testamento no texto de Eça são, sobretudo, os personagens Adão e Eva, postos numa situação de luta pela sobrevivência, às voltas com situações e animais selvagens com potencial para eliminá-los. Ironicamente, o Éden é um lugar agressivo, perigoso: “Então começaram, para nossos Pais [Adão e Eva], os dias abomináveis do Paraíso”. No conto em questão, Adão representa a força



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**COMISSÃO COORDENADORA DO VESTIBULAR**  
**PROCESSO SELETIVO UFES 2013**

bruta, uma masculinidade de pouca inteligência, ao passo que Eva se vale das suas sutileza e feminilidade.

NOTA: A grafia "Eça de QUEIRÓS" também é aceita, para o sobrenome do escritor português. Caso candidatos a utilizem, ela deverá ser considerada tão correta quanto "Eça de QUEIROZ" (aqui sem acento, naturalmente).

**TEXTO 2:**

"Civilização", de Eça de Queiroz, diz respeito ao contraste entre a vida na cidade (a "civilização" do título) e a existência no campo. O personagem Jacinto, riquíssimo, vive muitos anos num palácio (o "Jasmineiro"), cercado por todas as comodidades tecnológicas do século XIX e, apesar de tal condição, é infeliz, como percebe o narrador da história, seu amigo íntimo. Em certo momento da sua existência, Jacinto é obrigado a ir a Torges, lugar serrano, agreste, de Portugal, onde possui uma propriedade. Ali, sem os recursos excessivos da vida urbana, Jacinto percebe que pode ser mais feliz, cuidando da sua propriedade rural. O tempo e o espaço fundamentais do relato são: a segunda metade do século XIX, vividos na capital portuguesa (representativa das cidades europeias) e em Torges (representativo do campo em geral).

**TEXTO 3:**

"O defunto", de Eça de Queiroz, traz uma narração com elementos sobrenaturais, típicos dos gêneros fantástico e maravilhoso. Trata-se também de uma narrativa pertencente ao gênero histórico, pois a sua ação se localiza no século XV, desde a abertura ("ano de 1474"). O tempo e o espaço do conto são os de Castela (Espanha), quinhentista e católica: Segóvia, Cabril, o Cerro dos Enforcados. Uma história de amor com ingredientes sobrenaturais, como já referido. Os personagens principais são os jovens D. Rui de Cárdenas e D. Leonor, casada com o velho e ciumento D. Alonso de Lara, e um enforcado. D. Rui apaixonou-se por D. Leonor, D. Alonso percebe e tenta matar o rapaz, preparando-lhe uma armadilha em Cabril, mas D. Rui é salvo pelo enforcado, que, apesar de morto, atua no conto, tomando o lugar de D. Rui: recebe os golpes de uma adaga, no lugar deste último. D. Alonso vem a morrer, ao saber que "matara" um homem já defunto (o enforcado); assim, D. Leonor e D. Rui podem casar-se, em fantástico final feliz, no "ano da Graça de 1475".

**TEXTO 4:**

"Singularidades de uma rapariga loira", de Eça de Queiroz, trata do amor de Macário por Luísa, a "rapariga loira" do título, filha da viúva Vilaça. As "singularidades", também referidas no título, remetem aos roubos praticados em segredo por Luísa: o leque da China, os lenços da Índia (furtados do armazém em que Macário trabalha com o seu tio Francisco), a moeda de ouro e, no final da história, o anel. Apenas neste último episódio Macário percebe que a sua noiva Luísa era a responsável pelo sumiço dos objetos mencionados. Como os furtava sem necessidade, pode-se concluir que Luísa agia assim, porque era uma cleptomaníaca (ou cleptômana), noção já presente na psicologia do séc. XIX, embora Eça não a utilize de modo explícito. O tempo e o espaço



principais do relato são: a estalagem do Minho em que, velho, Macário conta a um desconhecido (o futuro narrador do texto) o seu envolvimento com Luísa, ocorrido muitas décadas antes, quando ele era jovem, em Lisboa, a capital portuguesa; Cabo Verde, onde Macário vai tentar ganhar dinheiro, para casar-se com Luísa, enfrentando a oposição do seu tio.

TEXTO 5:

“O recado do morro”, de Guimarães Rosa, fala de uma expedição pelo sertão mineiro. Os integrantes da comitiva eram o fazendeiro Jujuca, o frei Sinfrão, o pesquisador estrangeiro Alquiste, o guia Pedro Orósio e seu auxiliar Ivo Crônico. Ao longo da viagem, um “recado”, que teria vindo originalmente do Morro da Garça (daí o título do conto), vai se constituindo, através de uma espécie de corrente, que inclui crianças e loucos, até chegar ao cantador Laudelim, que compõe uma canção em que o teor do recado, enfim, se clarifica. E o recado que se decodifica falava de uma emboscada de morte que Ivo preparara para Pedro. Este, então, graças à canção, consegue se livrar de seu destino fatal. O tempo e o espaço do conto, historicamente, se referem ao sertão brasileiro das décadas iniciais do século XX. Há, também, no entanto, a possibilidade de uma interpretação de um tempo e um espaço míticos, considerando as inúmeras referências e alusões aos dias da semana e aos nomes dos donos das fazendas em que a comitiva para (e ao significado de tais nomes).

- B) Texto 2: QUE = amigo  
    Texto 3: QUE = ano  
    Texto 5: QUE = caso

#### **4ª QUESTÃO**

TEXTO 6:

A estrofe do poema traz já alguns traços marcantes da poesia de Augusto dos Anjos, como a temática científica, o vocabulário difícil e/ou esdrúxulo (monera, pólipó) e o uso de imagens chocantes ou de mau gosto (“larva de caos telúrico”). No poema, esses traços se verificam a partir da primeira frase – “Sou uma Sombra!” – em que o sujeito lírico, à maneira simbolista (vide a maiúscula que dá uma dimensão metafísica à “sombra”, que, em tese, seria um substantivo comum), se nomeia a própria Sombra, que irá falar de si, do mundo e dos homens, a partir, como se disse, de imagens científicas, esdrúxulas e chocantes.

TEXTO 7:

Mais do que três características da poesia de Mário de Sá-Carneiro: narcisismo, megalomania, subjetivismo, autodestruição, pessimismo, simbolismo ou neo-simbolismo, criatividade linguística ou ousadia sintática, excesso de referências aos aspectos sensoriais (com a elaboração de várias sinestesias, por parte do autor), manutenção da metrificação regular (com predomínio do decassílabo). Os versos do texto pertencem ao poema “Partida”, primeiro do livro *Dispersão*,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**COMISSÃO COORDENADORA DO VESTIBULAR**  
**PROCESSO SELETIVO UFES 2013**

composto por doze poemas. Nestes é possível ver o percurso de um eu-lírico que, inicialmente eufórico, rapidamente caminha para a destruição de si mesmo, consumada em "A queda", último título da pequena obra. Duas características ligadas a "ensombra-se": autodestruição e pessimismo. Aqui, a "sombra" é o indício do futuro desfecho negativo do sujeito poético, o sinal de que as coisas não lhe correrão bem, não por causa do mundo externo, mas devido ao que há de frágil nele mesmo, sujeito, com os seus conflitos interiores.

**TEXTO 8:**

No poema, evidenciam-se elementos constantes na poesia de Paulo Roberto Sodré, como a presença de um "eu" que assume a voz lírica ("Sei", "fiz", "deixei" etc.), a presença de um teor erótico ("se beijei Thiago"), a presença de um "outro" a quem o eu-lírico hipoteticamente se dirige ("Sei que quando / acenderes tua passagem"; "Vamos.") e a presença de imagens ambivalentes ("se beijei Thiago / ou desencontrei Roberto"; "vasta sombra precisa"; "inevitável reticência"). O termo "sombra", no contexto, entra em tensão com a ideia de "luminosidade", inscrita no verbo "acenderes", e com a ideia de "precisão", inscrita no adjetivo "precisa", contribuindo para o clima de indefini o, de "reticência", que o poema produz.

**5ª QUESTÃO**

- A) Se eu aceitar o argumento, você altera o samba.
- B) Eu aceito o argumento, porque você altera o samba tanto assim.
- C) Eu aceito o argumento, e você altera o samba tanto assim.
- D) Você altera o samba tanto assim, ou eu aceito o argumento.
- E) Embora você (não) altere o samba tanto assim, eu aceito o argumento.